

Petra Martinez

Os Segredos de Lady Cavendish



Os Segredos de Lady Cavendish

Petra Martinez

Martinez, Petra.

Os Segredos de Lady Cavendish / Petra Martinez.

— 1ª ed. — The Sims 4, 2025.

1. Romance de época 2. Suspense psicológico

3. Amor proibido 4. Segredos 5. LGBT

I. Os Segredos de Lady Cavendish

Para todas as mulheres cujos amores foram silenciados pela história. Que nunca nos falte coragem para escrever nosso próprio destino.

"O que seria da sociedade sem seus segredos? E o que seríamos nós sem a coragem de revelá-los?"

— Autoria própria

O que é um segredo senão um fardo que se esconde entre olhares e sussurros?

Neste romance, mergulhamos na vida de Lady Cavendish, uma mulher à frente de seu tempo, prisioneira de suas próprias paixões e mistérios. Inspirado nos escândalos da aristocracia e no amor proibido, este livro é um convite para descobrir até onde alguém pode ir para proteger a verdade.

Sempre fui fascinada por histórias que misturam romance e mistério, especialmente quando envolvem personagens que desafiam as regras da sociedade. Lady Cavendish não é apenas uma mulher nobre do século XIX—ela é um enigma, um escândalo ambulante, e alguém que ousou amar à sua maneira.

Espero que esta história envolva vocês tanto quanto envolveu a mim ao escrevê-la.

Brindleton Bay, uma cidade de elegância e hipocrisia, onde os bailes reluzentes mascaram segredos inconfessáveis. Entre seus salões dourados e jardins meticulosamente podados, a sociedade impõe suas regras rígidas, onde cada olhar, cada palavra, pode ser uma armadilha ou uma promessa.

Lady Eleanor Cavendish retorna ao seio dessa sociedade que sempre a olhou com curiosidade e especulação. Depois de uma temporada distante, sua volta desperta rumores e expectativas. Há algo nela, um segredo oculto por trás do olhar altivo, que ameaça as convenções estabelecidas. Mas ninguém imagina que esse mistério será agravado por um encontro inesperado com Maggie Thorne, uma escritora sem título, mas com uma audácia que pode mudar tudo.

Em um mundo onde um casamento arranjado é a única saída aceitável para uma mulher de sua posição, Eleanor se vê dividida entre a obrigação e o desejo. O que acontece quando o amor desafia as tradições? E quando o coração exige mais do que a sociedade permite?

Capítulo 1: O Retorno de Lady Eleanor

A carruagem de Lady Eleanor Cavendish deslizou com leveza pela estrada sinuosa que levava à propriedade da família. As rodas, cobertas por uma fina camada de poeira, cortavam a manhã cinzenta de Brindleton Bay. O vento úmido carregava o perfume de terra molhada e sal, enquanto o céu nublado, com seus tons de cinza profundo, envolvia a mansão Cavendish em uma aura de mistério e melancolia. A grande propriedade, com suas paredes de pedra desgastadas pelo tempo, permanecia imponente, embora claramente marcada pelos anos de abandono. Para Eleanor, aquele retorno era um ponto de convergência de sentimentos conflitantes—uma mistura de necessidade e arrependimento.

Quando a carruagem finalmente parou, o som da madeira rangendo e o estalo dos freios ecoaram no silêncio da manhã. O lacaios, com sua postura irrepreensível, abriu a porta e estendeu a mão para ajudar Eleanor a descer. Ela ajustou a saia do vestido, o tecido pesado sussurrando ao tocá-la, e, com sua postura ereta e digna, caminhou até a escadaria imponente. A cada passo que dava, as memórias de sua infância a envolviam, como se a mansão Cavendish fosse uma prisão

dourada, ainda com o cheiro de jasmim e cera, mas implacável e sufocante como sempre.

Ao chegar na escadaria, sua mãe, Lady Margaret Cavendish, esperava de pé, com uma expressão que alternava entre crítica e impaciência. Seus olhos, penetrantes e implacáveis, examinavam cada detalhe de Eleanor com um olhar tão afiado quanto uma lâmina, como se quisesse retirar qualquer vestígio do tempo que ela havia passado longe. Era evidente que Lady Margaret não esperava um abraço caloroso ou um sorriso de boas-vindas, mas sim uma resposta, um desempenho digno do nome Cavendish. E Eleanor sabia disso, sentindo-se, mais uma vez, como uma peça em um jogo de xadrez no qual não fazia questão de participar.

— Finalmente, Eleanor. Não poderia ter escolhido um momento mais oportuno para retornar — disse Lady Margaret, o tom formal, quase impessoal, fazendo a frase soar como uma reprimenda disfarçada de boas-vindas. Sua mão foi estendida em um gesto de comando, e Eleanor a seguiu, com os olhos no chão, para dentro da mansão.

O salão principal estava banhado pela luz suave de um dia nublado, criando um contraste entre a grandiosidade do lugar e o vazio que

ela sentia por dentro. O som suave dos passos de Eleanor ecoava pelo mármore frio, enquanto ela passava por móveis ornamentados e retratos antigos que pareciam observá-la em silêncio. As paredes do salão, cobertas com tapeçarias de seda que já haviam perdido o brilho, estavam impregnadas de uma nostalgia que não trazia consolo algum. A mansão, embora ainda imponente, parecia desabitada em sua essência—como se o lar, o calor, houvessem fugido dali há muito tempo.

Lady Margaret, caminhando ao lado de sua filha, observava-a com um olhar que exalava insatisfação. — Sua ausência nos últimos anos foi... um desafio para esta família — ela começou, a voz carregada de um tom gélido e calculado. — Mas agora precisamos olhar para frente. Seu futuro depende disso.

Essas palavras não eram novas para Eleanor. Ela as havia ouvido por toda a vida. Casamento. Aparências. Dever. Sua mãe nunca tivera dúvidas sobre o que esperava dela: uma união vantajosa, que consolidasse o nome da família e mantivesse sua posição na alta sociedade. Eleanor já sabia que a única resposta aceitável era o silêncio. Mas o que ela desejava, o que sempre quisera, não

estava nem perto do que Lady Margaret imaginava para ela.— Espero que tenha aproveitado sua estadia em Windenburg — Lady Margaret disse, seu tom indiferente. — Mas é hora de cumprir seu papel. Um baile será realizado para anunciar seu retorno. A sociedade espera vê-la. Eu espero vê-la comprometida.

Essas palavras caíram como uma sentença, esmagando qualquer desejo de Eleanor de fugir mais uma vez das expectativas da sua mãe. Ela sabia que a sociedade, com seus olhos atentos e sorrisos falsos, aguardava sua aparição. O evento, planejado por sua mãe com uma perfeição calculada, seria o palco perfeito para que Eleanor fosse reintroduzida ao mundo de Brindleton Bay. Mas ela não se importava com isso. Sua única preocupação era o futuro que sua mãe já havia traçado para ela—um futuro que ela não queria, que nunca quis.

Ela manteve a expressão serena, os olhos baixos, em uma tentativa de esconder o turbilhão de pensamentos e sentimentos que a consumiam. Mas, por dentro, sua mente estava repleta de dúvidas e revolta. Estava de volta àquele lugar, mas não porque desejasse, e sim porque sentia que não tinha escolha.

Na noite do baile, quando os primeiros convidados começaram a chegar para o grandioso evento, o som das conversas e das risadas preencheu os salões de mármore da mansão Cavendish. Os cortesãos e nobres da sociedade de Brindleton Bay estavam ansiosos por aquela reentrada. Cada movimento de Eleanor, cada palavra que ela trocasse, seria analisada e comentada. Ela podia sentir os olhos de todos sobre ela, como se estivesse sob um microscópio, e, mesmo assim, ela parecia alheia àqueles olhares.

Era naquele ambiente abafado de formalidade que o destino de Eleanor seria alterado, mas ela não sabia disso ainda. Em meio ao brilho dos candelabros e ao tilintar das taças de cristal, seus olhos se encontraram com alguém que não esperava ver: Maggie Thorne.

Maggie não estava ali como parte da alta sociedade—ela era uma outsider, uma mulher sem título nobre, uma escritora de um jornal chamado “Sim Post”, que publicava artigos sobre os bailes e a vida social, mas sem o glamour que tanto encantava os nobres. Sua presença foi, para muitos, uma intrusão disfarçada de curiosidade. Os olhares que Maggie recebeu ao entrar no salão foram de

desconfiança, mas Eleanor não se importava com o que os outros pensavam. Ela estava concentrada na mulher à sua frente.

Maggie, com sua postura confiante e olhar enigmático, parecia não se importar com o que a sociedade pensava. Ao contrário dos outros convidados, ela não usava um sorriso falso, nem se curvava diante dos costumes rígidos de Brindleton Bay. Ela estava ali por conta própria, e algo nisso cativou Eleanor, algo que ela não conseguia explicar. Algo sobre a maneira como Maggie observava tudo, mas de maneira distante, quase como se não se encaixasse naquelas regras impostas. Era como se Maggie estivesse de fora, mas ao mesmo tempo, muito mais autêntica que qualquer um ali.

Eleanor, como se atraída por um ímã, não conseguia desviar os olhos. Algo na postura de Maggie, sua confiança silenciosa, despertou um desejo profundo e, ao mesmo tempo, uma inquietação desconhecida. Quando Maggie cruzou a sala, o olhar de Eleanor seguiu cada um dos seus movimentos. A mulher não notou, ou talvez tivesse notado, mas não demonstrou. E, naquele momento, Eleanor sentiu pela primeira vez uma chama se acender

dentro de si, algo que não tinha sentido antes, algo que não poderia ser explicado. Era impossível, pensou Eleanor, mas ela não podia negar. O que ela sentia era mais forte do que qualquer convenção, mais forte do que qualquer regra imposta pela sociedade.

O baile continuou, mas para Eleanor, a única coisa que importava agora era Maggie Thorne.

Capítulo 2: O Baile e a Intrusa

Na noite do baile, quando os primeiros convidados começaram a chegar para o grandioso evento, a casa Cavendish se enchia com risos artificiais e conversas disfarçadas de elogios. Mas, para Eleanor, cada passo nas salas douradas parecia um lembrete de sua prisão silenciosa, a pressão de ser alguém que ela não era. Ela precisava respirar, precisar se afastar, ainda que por um momento.

Aproximando-se de uma pequena varanda escondida, Eleanor encontrou um refúgio temporário, um canto onde poderia se distanciar da grandiosidade daquele evento e de sua inevitável posição nela. O som abafado da música e das conversas ainda ecoava através das paredes, mas ali, sozinha, ela se permitia um pequeno alívio.

Foi nesse momento, ao se aproximar da mesa de mármore onde costumava repousar o delicado serviço de chá, que seus olhos caíram sobre um pedaço de papel dobrado. De início, pensou ser um simples bilhete de cortesia, talvez um lembrete de algum convidado. Mas ao pegar o papel, percebeu que era algo diferente, algo

inusitado. Curiosa, abriu-o com mãos trêmulas, os dedos hesitando sobre a suavidade do papel.

"Talvez você queira conversar sobre o baile, ou sobre o que realmente pensa sobre ele. Se não se importar com uma entrevista informal..."

A assinatura era simples, sem pompa. Apenas o nome "Maggie Thorne" em uma caligrafia ousada e direta. O que poderia ser aquilo? Um bilhete enviado por um admirador anônimo? Mas, não... a provocação era clara demais para ser apenas uma brincadeira de salão. Eleanor sentiu o pulso acelerar, uma sensação nova e intrigante se formando dentro dela. Quem seria aquela mulher ousada, disposta a desafiar as convenções em um simples pedaço de papel?

A resposta parecia óbvia: uma intrusa.

A palavra pairou em sua mente. Maggie Thorne. Não era um nome que ela conhecia, pelo menos não entre os círculos da alta sociedade de Brindleton Bay. Então, quem era ela? Por que alguém, especialmente uma mulher sem título ou conexões nobres, se atreveria a escrever algo assim para ela, Lady Eleanor Cavendish? Eleanor guardou o bilhete no bolso de seu

vestido, sentindo um misto de excitação e confusão. Ela sabia que deveria ignorá-lo, esquecer essa ousadia momentânea. Mas algo dentro dela resistia. Algo que, em algum lugar profundo de seu ser, estava começando a questionar tudo o que sempre soubera sobre a vida que ela estava sendo forçada a viver.

Ela olhou em volta, em busca de alguma distração, e foi então que seus olhos se fixaram na mulher que estava no centro de toda a confusão. Maggie Thorne. A escritora enigmática, sem título e aparentemente sem escrúpulos, que se movia pelo salão com a mesma graça que uma princesa, mas sem qualquer das regras ou etiqueta que a sociedade esperava. Ela estava ali, entre os outros convidados, observando com um sorriso sutil, um sorriso que parecia entender mais sobre o baile e sua hipocrisia do que qualquer um ali.

O olhar de Eleanor encontrou o de Maggie por um breve momento. Seus olhos brilharam com um interesse inusitado, mas rapidamente ela desviou o olhar, como se estivesse ciente de que algo entre elas havia começado a mudar. Eleanor não conseguia explicar o que sentia naquele instante. Não era raiva, não era

desprezo. Era algo mais complexo... algo que ela nunca imaginara que poderia experimentar. A festa continuava, mas para Eleanor, o baile agora tinha um novo propósito. Ela precisava entender quem era Maggie Thorne e, mais importante ainda, por que aquela mulher, com sua liberdade e ousadia, a atraía de uma maneira que ela não conseguia controlar.

Em um momento de coragem, Eleanor se levantou da varanda e caminhou em direção ao centro do salão, onde Maggie ainda conversava com um pequeno grupo de convidados. Mas, ao chegar mais perto, algo a fez parar. Maggie estava observando um candelabro em chamas, sua expressão introspectiva. Era como se ela não estivesse ali, no meio de toda a pompa e circunstância, mas sim em outro lugar. E isso fez Eleanor se perguntar: o que mais ela esconderia sob essa fachada de indiferença? Sem perceber, Eleanor deu um passo à frente, o som suave de seus sapatos no chão de mármore ecoando pelo salão. Era hora de descobrir a verdade por trás do bilhete... e da mulher que o escrevera.

Capítulo 3: O Incidente Inicial – O Bilhete Proibido

Maggie nunca imaginara que uma simples entrevista informal pudesse tomar proporções tão inesperadas. O bilhete que deixara para Eleanor naquela noite não era apenas uma provocação, mas sim um pedido desesperado por algo mais. Seu chefe, no jornal onde trabalhava, não acreditava em seu talento. As notas que ele lhe dava eram sempre medíocres, e ele constantemente duvidava de sua capacidade. Escrever era sua paixão, mas com a pressão crescente de entregar conteúdo “mais aceitável” para a alta sociedade, Maggie se sentia cada vez mais limitada, sufocada pelas expectativas de uma profissão que parecia não valorizar a autenticidade. Quando viu Eleanor pela primeira vez naquela noite, ela percebeu que não poderia deixar passar a oportunidade. Algo sobre a postura da jovem mulher, sua elegância misturada com a fragilidade de quem estava à espera de ser moldada pela sociedade, fez com que Maggie se sentisse atraída. Como se ela também fosse um reflexo das próprias lutas de Maggie: uma mulher que, apesar de suas qualidades e talentos, estava sendo forçada a viver em uma gaiola dourada.

Quando o olhar de Eleanor encontrou o seu, Maggie soubera que essa era a chance de escapar, mesmo que por um momento, das pressões do baile e da vida que ela não desejava. Algo no olhar de Eleanor lhe dizia que aquela conversa poderia ser mais do que um simples questionário para um artigo – poderia ser uma troca de ideias, uma fuga para ambas.

Eleanor, por sua vez, sentiu uma estranha atração por Maggie. Não era apenas pela sua ousadia ao entregar o bilhete. Algo no comportamento da mulher despertava nela uma curiosidade que ela nunca soubera que existia. Maggie não se encaixava naquelas regras e convenções que ela mesma vivia tentando manter. Era diferente, e isso era o que a atraía.

Enquanto a música do baile ecoava pelos corredores da mansão, as duas mulheres se afastaram da sala principal e seguiram até o jardim, onde o som da festa ficava mais distante, e o ar fresco da noite parecia aliviar um pouco a tensão. Eleanor sentou-se em um banco de ferro forjado, sua postura impecável, mas seus olhos atentos a cada movimento de Maggie.

Maggie, por sua vez, começou a falar com a tranquilidade de alguém que estava acostumado a ser observada, mas sem jamais se deixar intimidar. Sentou-se ao lado de Eleanor e, antes de começar a entrevista, tomou um momento para admirar as flores ao redor. Era claro que ela buscava algo mais nesta conversa do que um simples artigo para seu chefe.

— Então, Lady Eleanor... — Maggie começou, sua voz suave, mas cheia de um tom inusitado de desafio. — O que pensa sobre o baile? Sobre toda essa pompa e circunstância que o acompanha?

Eleanor a olhou, um sorriso discreto dançando em seus lábios.

— Já me disseram que um baile é mais do que uma festa. É uma oportunidade de exhibir tudo o que a sociedade espera. De mostrar quem somos, ou quem acham que somos. Mas, para ser franca, nunca gostei muito disso — respondeu ela, com uma honestidade que Maggie não esperava.

O sorriso de Maggie cresceu, de uma maneira quase imperceptível. Ela sabia que aquele comentário não vinha de alguém acostumado a quebrar as regras de etiqueta, mas sim de uma mulher que já estava começando a questionar seu lugar no mundo.

— Deve ser difícil ser uma mulher na alta sociedade, com tantas expectativas sobre o que devemos ser, não? — Maggie continuou, inclinando-se um pouco mais para frente. — Como é escrever a sua própria história quando a sociedade já escreveu tudo por você?

Eleanor se viu tomada por uma sensação de identificação. Ela nunca tinha verbalizado isso, mas sentia na pele a pressão de ser perfeita, de se encaixar em um papel que não escolhera. Respondeu sem hesitar.

— Difícil. Às vezes, parece que nossa história está sendo escrita por outros. Pelo que as pessoas esperam, pelo que a sociedade exige. Não tenho controle sobre isso, mas fico tentando entender como poderia ser diferente — sua voz vacilou por um momento, como se ela mesma não soubesse o que dizer em seguida. — E você, Maggie? Como é ser uma mulher no mundo do jornalismo? Seu trabalho parece muito distante do meu mundo de baile e aparências.

Maggie olhou para o céu noturno, refletindo por um instante antes de responder, suas palavras carregadas de uma sinceridade que ela raramente compartilhava com outras pessoas.

— Eu escrevo porque amo. Porque preciso. Mas o jornalismo nem sempre valoriza isso. Meu chefe, por exemplo, acha que eu sou incapaz de escrever artigos que "vendam" bem. Ele quer artigos que sigam as expectativas da sociedade, que satisfaçam o gosto da elite, mas não posso escrever sobre o que não acredito — Maggie disse, com um brilho nos olhos. — Eu sonho em escrever algo que realmente importe. Algo verdadeiro.

Havia uma paixão no jeito como Maggie falava sobre seu trabalho, algo que tocava Eleanor profundamente. Era raro encontrar alguém tão disposto a lutar contra as correntes invisíveis que os outros impõem, e mais raro ainda alguém tão sincero. A conversa delas não era mais sobre o baile ou sobre um simples artigo para um jornal. Era uma troca de histórias, de sonhos e de decepções.

Eleanor sentiu que aquela conversa, ali no jardim escuro e fresco, estava lhe oferecendo uma janela para algo novo. Algo que ela sempre soubera existir, mas nunca tivera coragem de explorar. Aquela mulher à sua frente, com seus sonhos e sua liberdade de pensamento, representava uma possibilidade, uma ruptura.

Enquanto a conversa continuava, as palavras entre elas fluíam com uma facilidade surpreendente. Eleanor já não sentia tanto o peso de sua própria vida, de suas obrigações, de tudo o que a prendia. A conexão que se formava entre elas parecia estar desafiando tudo o que Eleanor sempre soubera.

E naquela noite, enquanto o baile acontecia em um salão distante, uma nova história estava sendo escrita. Uma história onde as duas mulheres, de mundos tão diferentes, começavam a se descobrir uma à outra, sem perceber que, ao fazer isso, já estavam escrevendo uma narrativa muito maior do que qualquer uma delas poderia imaginar.

Capítulo 4: O Jogo de Aparências

Meses haviam se passado desde aquela noite no jardim. O tempo, embora lento, parecia estar traçando um caminho clandestino para as duas mulheres, suas histórias se desenrolando em passos tímidos e românticos. Enquanto o mundo ao redor continuava com suas expectativas e exigências, Maggie e Eleanor encontravam momentos para se conhecer, se apaixonar, e, acima de tudo, para se perder no que elas representavam uma para a outra.

Maggie, com sua natureza reservada, continuava a escrever para o jornal, mas os artigos sobre as festas da alta sociedade a incomodavam cada vez mais. Ela se via descompassada ao relatar as cenas de risos vazios, de danças que não diziam nada, de conversas que pareciam mais vazias do que o som das taças se chocando. Ao contrário de suas palavras, seu coração já estava longe de tudo aquilo. O que ela queria escrever, o que ela precisava expressar, estava em seus sentimentos por Eleanor, que ela não sabia se poderia revelar.

Eleanor, por sua vez, lutava contra o peso da pressão familiar. Sua mãe, Lady Margaret, não descansava. Já estava em busca de

pretendentes, arrumando encontros com homens que eram tudo o que Eleanor não queria ser. O casamento que sua mãe estava arquitetando para ela parecia mais uma prisão do que uma união. A cada novo jantar com possíveis candidatos, Eleanor sentia o fardo do futuro, a angústia de um destino que ela não escolhera.

As duas, agora imersas em um jogo de olhares furtivos e palavras não ditas, trocavam segredos em cafés escondidos e em passeios clandestinos pelas ruas de Brindleton Bay. Seus encontros, cada vez mais frequentes, tornaram-se a única coisa que realmente importava. Eles eram uma fuga, um alívio para a alma. Porém, como tudo que é proibido, também carregavam o risco de serem descobertos.

Foi uma tarde abafada de primavera, quando as flores no jardim ainda estavam no auge de sua beleza, que Eleanor, com a mente turvada por alguns bons drinks e pela presença de Maggie, não pôde mais esconder o que sentia. Caminhavam pela rua deserta, o sol se pondo ao longe, e a voz de Eleanor, normalmente controlada, soou com uma intensidade que Maggie não esperava.

— Meu corpo age antes da minha mente. Eu —
Maggie, eu... eu não sei o que está
acontecendo comigo, mas quando estou perto de
você... — Eleanor hesitou, e os olhos de
Maggie brilharam, instigados pelo medo e pela
curiosidade. tremo, meu coração acelera...
Não sei mais o que pensar, nem o que fazer.
Só sei que não consigo mais ficar sem a sua
presença. Algo em mim... está perdido sem
você.

O silêncio entre elas foi carregado de um
peso imenso, e a confissão de Eleanor fez com
que Maggie parasse no meio da rua, os olhos
fixos nela. Aquelas palavras, tão sinceras, a
tocaram de uma maneira que ela não poderia
descrever. Sentiu seu próprio corpo tremer,
mas não de medo. Era uma sensação nova, de
algo que ela não sabia como controlar.

— Eleanor... — Maggie sussurrou, sua voz
suave e hesitante, mas com uma profundidade
que refletia o que sentia. — Nunca pensei que
passaria tanto tempo ao lado de uma Lady, de
uma mulher da alta sociedade. Mas aqui
estamos, e eu não sei mais o que fazer com
tudo isso.

As palavras de Maggie ecoaram no ar, e, por
um momento, ambas ficaram em silêncio,

tentando processar o que não podiam controlar. Eleanor se aproximou de Maggie, e, com a respiração mais pesada do que o habitual, sussurrou:

— Não sei como explicar, Maggie, mas algo em mim se perdeu quando você entrou na minha vida. Tudo se tornou mais... real. Não podemos continuar assim, escondidas. Não podemos continuar vivendo de aparências.

Maggie olhou para ela, e pela primeira vez em meses, sentiu uma vontade profunda de tomar as rédeas de sua própria história. Olhou para Eleanor, para os olhos brilhantes, para a sinceridade que transparecia em cada gesto, e soube que estava pronta para fazer qualquer coisa para estar ao seu lado, mesmo que o mundo as condenasse por isso.

No entanto, enquanto as duas trocavam palavras sussurradas e promessas não ditas, a pressão sobre Eleanor aumentava. Lady Margaret Cavendish estava determinada a arranjar um casamento para a filha, e seus olhos estavam fixos em cada pretendente possível. Cada jantar e cada encontro parecia ser mais uma oportunidade para Eleanor ser forçada a escolher entre o que era esperado dela e o que seu coração realmente queria. A sombra da imposição familiar crescia, e a

cada novo encontro com um homem selecionado por sua mãe, o sofrimento de Eleanor se tornava mais palpável.

Mas havia algo maior entre ela e Maggie. Algo que ninguém mais poderia ver, algo que ia além das convenções sociais. Algo que, mesmo sob a pressão imensa de suas responsabilidades e expectativas, poderia ser a única verdade que ainda existia para elas. Enquanto o mundo ao seu redor continuava com

o mesmo ritmo frenético, as duas mulheres sabiam que estavam prestes a cruzar uma linha que não poderia mais ser apagada.

Capítulo 5: O Beijo Proibido

A noite estava mais quente do que o esperado, e as ruas de Brindleton Bay estavam quase desertas, exceto pelas sombras dançando sob o brilho suave das lanternas. Eleanor, com os sentidos embriagados pelos drinks e pelo calor da situação, caminhava ao lado de Maggie, sem rumo, mas com um magnetismo entre elas que parecia impossível de ignorar.

Os olhares furtivos se entrelaçaram mais uma vez, e, dessa vez, Eleanor não conseguiu mais se conter. Seu corpo pedia por mais. Mais proximidade, mais deleite, mais do toque de Maggie, da suavidade de sua presença, da intensidade de algo que elas não podiam mais esconder.

Maggie, por outro lado, sentia seu próprio desejo crescendo, alimentado pela tensão crescente entre elas. Ela sempre soubera que o que compartilhavam era perigoso, que o desejo era inevitável, mas nunca imaginara que seria assim — tão visceral. Quando Eleanor se aproximou ainda mais, seus rostos quase se tocando, o coração de Maggie acelerou, e ela soube que não havia mais volta.

Sem palavras, sem mais espaço para hesitação,

Eleanor se inclinou para frente e beijou Maggie. Um beijo ardente, que começou suave, exploratório, mas rapidamente se transformou em algo mais urgente.

As mãos de Maggie foram automaticamente para a cintura de Eleanor, e ela a puxou para mais perto, o calor do corpo da outra mulher incendiando a própria pele. Os lábios de Eleanor eram suaves, mas seus toques estavam carregados de desejo. Elas se entregaram àquele momento, sem se preocupar com o que viria depois, apenas vivendo o agora.

A rua ao redor delas desapareceu. O tempo parecia ter parado quando, finalmente, Eleanor se afastou por um momento, ofegante. Seus olhos se encontraram, e algo mais profundo foi revelado entre elas. Era um entendimento silencioso, uma conexão que não precisava de palavras. Elas sabiam o que sentiam, e por mais que a realidade fosse dura, naquele instante, nada mais importava.

— Maggie... — Eleanor sussurrou, ainda tentando processar a intensidade do beijo.

— Não precisa falar, Eleanor — Maggie respondeu com um sorriso suave, que escondia uma mistura de incerteza e desejo. — Só... venha comigo.

Sem hesitar, Maggie pegou a mão de Eleanor e a conduziu pelas ruas vazias até sua pequena casa. O lugar era simples, longe da grandiosidade que a sociedade de Brindleton Bay esperava para uma mulher como Eleanor, mas era o suficiente. Ali, Maggie tinha privacidade, e isso significava mais do que qualquer luxo ou status.

Quando entraram, a porta foi fechada com um estrondo silencioso, e as duas se encararam por um longo momento. O calor entre elas era quase palpável, e as palavras se perderam nas expressões que trocavam.

Eleanor, com os olhos brilhando, se aproximou novamente de Maggie. Não havia mais espaço para dúvidas ou medos. Atração, paixão e desejo dominaram seus corpos, enquanto se entregavam a uma dança lenta e suave de toques e beijos. As mãos de Maggie exploravam os cabelos de Eleanor, os dedos deslizando pela pele dela com delicadeza e cuidado, enquanto os lábios de Eleanor viajavam pelo pescoço de Maggie, trazendo uma sensação de calor que percorria sua espinha.

O movimento foi suave, mas intenso. Cada gesto, cada toque parecia uma descoberta,

como se estivessem aprendendo a se tocar e a se amar pela primeira vez, sem pressa, sem pressões externas. O som da respiração de ambas se misturava com o som da noite lá fora, e a escuridão no interior da casa parecia envolver as duas em uma bolha de intimidade.

Deitados na cama de Maggie, os corpos ainda se tocando suavemente, o calor do amor não dito envolvendo-os, Eleanor passou a mão pelos cabelos de Maggie, suavemente.

As palavras não eram necessárias, mas os olhares compartilhados entre elas falavam mais do que qualquer frase. Elas estavam juntas, em um momento roubado de felicidade, mas sabiam que aquilo não poderia durar.

Quando a noite começou a se arrastar para o amanhecer, as duas se acomodaram nos braços uma da outra, mas o peso da realidade começou a recair sobre elas. A sociedade, as expectativas, o futuro que as aguardava... tudo isso ainda era uma barreira intransponível entre o que elas tinham e o que precisavam. Ambas sabiam que o amor que compartilhavam era proibido, e que qualquer um que soubesse disso poderia destruí-las. A alta sociedade não aceitaria um romance entre duas mulheres,

muito menos com alguém de status tão diferente.

As palavras não foram ditas, mas estavam lá, pairando no ar. Ao amanhecer, quando a luz suave invadiu a casa de Maggie, ambas sabiam que seus corações pertenciam uma à outra, mas seus destinos não poderiam ser compartilhados. O amor delas seria apenas um segredo, escondido entre os becos e os sussurros daE, assim, elas se separaram mais uma vez, com um misto de felicidade e dor. Sabiam que o que haviam vivido, o que haviam sentido, nunca poderia ser. noite.

Mas, ao mesmo tempo, ambas também sabiam que aquilo que compartilhavam – mesmo que fugaz – era algo mais real do que qualquer coisa que a sociedade ou a família poderia impor.

E, todas as noites seguintes, se encontravam secretamente. Sabiam que a impossibilidade do amor delas era um peso constante, mas também sabiam que ele era a única verdade que podiam abraçar.

Apenas por agora.

Capítulo 6: O Conflito Interior de Eleanor

Eleanor se viu em um turbilhão de sentimentos que a consumia. Seu amor por Maggie, tão intenso e avassalador, crescia a cada dia, mas a pressão de sua família e das normas sociais não dava trégua. Quando Henry Montgomery entrou em sua vida, ele parecia ser a solução para todos os seus problemas, um homem respeitável e educado, perfeitamente adequado para ser seu marido. Ele possuía tudo o que a sociedade esperava, e mais: charme, educação, um futuro brilhante, e uma aparente simpatia por Eleanor.

Henry, com seu jeito gentil e atenção constante, parecia um bom partido. Ele era, sem dúvida, alguém com quem ela poderia construir uma vida digna aos olhos de todos, mas havia algo em Henry que Eleanor não conseguia ignorar. Quando ele sorria para ela, parecia faltar algo, uma chama, um calor, uma conexão. Ele não a fazia sentir como Maggie fazia, e ela sabia que esse sentimento não poderia ser ignorado.

O dilema era claro. Eleanor amava Maggie, mas sabia que uma união entre elas não seria aceita, que sua vida em segredo não era mais sustentável. Mas, por outro lado, Henry

estava prestes a ser introduzido formalmente como seu futuro marido, com todos os requisitos da sociedade para fazer do casamento deles uma união ideal.

As visitas clandestinas com Maggie continuavam, e o amor entre elas florescia, mas Eleanor sentia que estava perdendo a si mesma, afogada entre os deveres familiares e o desejo por Maggie. Ela sabia que sua alma e seu corpo pertenciam àquela mulher, mas ao mesmo tempo, entendia a necessidade de um casamento arranjado, não para seu próprio desejo, mas pela obrigação que sentia para com sua família e a honra da linhagem.

Quando o noivado com Henry foi anunciado, Maggie, com o coração partido, sentiu ciúmes e medo. Ela sabia que as coisas não poderiam continuar como estavam. Seu amor por Eleanor estava firme, mas o futuro delas parecia impossível. Contudo, Maggie tentou aceitar o que não poderia ser mudado, acreditando que, de alguma forma, elas sempre encontrariam um jeito de ficar juntas, mesmo que fosse à sombra de uma vida que não podia ser pública. No inverno do ano seguinte, o casamento foi celebrado. Henry, como o bom partido que era, se tornava parte do círculo de amizade de

Eleanor e Maggie. Durante o ano de noivado, Eleanor ainda sentia o peso da falta de liberdade, mas tentava encontrar consolo na companhia de Maggie e nas pequenas fugas para momentos de carinho. Henry, por outro lado, começou a frequentar encontros secretos com outros homens, um desejo oculto que só ele sabia, mas que Eleanor ignorava, tentando não ver o que estava acontecendo. O casamento, em teoria, seria perfeito para todos, mas a realidade, como sempre, era bem mais complexa.

Com o tempo, a pressão da mãe de Henry se tornava mais insuportável. Ela queria netos, herdeiros. Henry e Eleanor, em uma conversa à sós, chegaram a um acordo: se não conseguissem engravidar naquela noite, sua mãe teria que aceitar que eles não dariam herdeiros. Era um plano absurdo, mas era tudo o que restava. Assim, em uma noite, eles tentaram — como amigos, sem paixão, mas com um certo toque de necessidade. No final, Eleanor engravidou, algo que a deixou com uma mistura de sentimentos. Ela teve uma linda menina, que foi chamada de Lavinia.

A vida seguiu seu curso, com Eleanor e Henry se tornando uma família, uma união de

respeito e amizade. As aparências eram mantidas, mas entre quatro paredes, o amor entre Eleanor e Maggie ainda florescia, mesmo que fosse proibido. Maggie, de coração partido, cuidava da filha de Eleanor como se fosse sua própria, tornando-se madrinha da menina, e se mantendo como amiga da família, mas sempre com um lugar especial reservado para Eleanor em seu coração.

O tempo passou, e após 14 anos de encontros furtivos e vidas separadas, Eleanor sucumbiu a uma tuberculose que a havia consumido silenciosamente. Ela morreu em um inverno gélido, rodeada por sua família e, curiosamente, por Maggie, que estava lá para a última despedida. Maggie se viu sozinha, mas mesmo assim, Lavinia, agora uma jovem, sempre esteve ao seu lado. Mas a falta de Eleanor, sua alma gêmea, a consumia de uma forma que ela não sabia como lidar.

Aos poucos, a dor foi se tornando uma constante. Henry continuou a ser uma presença amigável e solidária, como um irmão para Maggie, mas o vazio no coração de Maggie nunca diminuiu. Cinco anos após a morte de Eleanor, Maggie faleceu, vitimada por uma queda em sua casa. Quando Henry ficou com a

herança e os papéis de Maggie, ele tomou uma decisão importante. Ele publicou o livro que ela havia escrito durante seus encontros com Eleanor, o livro que narrava a história de amor proibido entre elas.

Embora o livro não tenha sido um grande sucesso de vendas, ele se tornou uma relíquia do amor delas, um amor que não podia ser exposto em sua totalidade, mas que, por meio das palavras de Maggie, se tornava eterno. O dinheiro das vendas foi para Lavinia, que cresceu sabendo da grandeza do amor entre sua mãe e Maggie, e do quanto as duas haviam sacrificado para ficarem juntas, mesmo nas sombras.

O amor de Eleanor e Maggie não se apagou. Ele viveu nos corações daqueles que conheciam sua história, e em cada página escrita por Maggie. Mesmo em uma época em que o amor entre duas mulheres era considerado uma afronta, o amor delas transcendeu todas as barreiras e perdurou para sempre. E, assim, Eleanor e Maggie viveram, de alguma forma, para sempre.

FIM

Petra Martinez

Os Segredos de Lady Cavendish

Eleanor Cavendish, uma jovem aristocrata, vê seu destino selado quando é forçada a se casar com Henry Montrose, um cavalheiro respeitável, mas que, como ela, carrega segredos que não podem ser revelados. Enquanto a sociedade enxerga um matrimônio perfeito, dentro das paredes da mansão Cavendish, a verdade é muito mais complexa.

Presos em um casamento de conveniência, Eleanor e Henry encontram na amizade um refúgio, compartilhando confissões e protegendo um ao outro dos olhares vigilantes da alta sociedade. Mas quando a pressão por um herdeiro se torna inevitável, eles fazem um pacto que mudará suas vidas para sempre.

Entre segredos, sacrifícios e a busca pela liberdade, Os Segredos de Lady Cavendish é um romance sobre aparências, lealdade e os desafios de viver em um mundo que exige conformidade.

